A DELINQUÊNCIA JUVENIL EM CABO VERDE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA E DA CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA PÚBLICO

Sabrina Rosa[1]
Wanderson Lucas Souza Silva[2]
Bissawidna N'quinde Nandiba[3]
Francisco Thiago Rocha Vasconcelos[4]

RESUMO

O presente projeto pretendeu conduzir uma análise da produção na área das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política) sobre o tema da "delinquência juvenil" em Cabo Verde. Esta análise se baseou, primeiro, em um mapeamento dos autores, conceitos e metodologias utilizadas. Em um segundo momento foram analisadas as hipóteses interpretativas que são construídas para explicar a "delinquência juvenil" como problema público. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica sistemática. Identificamos 12 autoras(es), no que a área da Sociologia predomina, se destacando o autor Redy Lima. Sobre a perspectiva histórica do tema, a camada juvenil, de contingente populacional significativo, é particularmente sensível a pressões relacionadas às desigualdades econômicas e à cultura de consumo, recorrendo a meios ilícitos, embora estigmas sobre determinadas populações também contribuam para inserção em comportamentos desviantes dos padrões culturais dominantes. Por volta de 2004, grupos de jovens denominados thugs tomam conta do vocabulário da Cidade da Praia, sobretudo na mídia. Anos mais tarde, se iniciam políticas de "tolerância zero" por parte do governo quanto ao crime associado a grupos juvenis. Os jovens, por sua vez, pressionados pela falta de chances de projeção de futuro na vida adulta em uma sociedade desigual que os exclui e os desafilia, se reafiliam a grupos com novas formas de sociabilidade, que não giram apenas dentro de uma economia do crime, mas de uma performance cultural.

Palavras-chave: juventude; violência; crime; Cabo Verde.

Universidade da Intergraçao Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, rosabrina0@protonmail.com[1]
Universidade da Intergraçao Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, lucassktrap@gmail.com[2]
Universidade da Intergraçao Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, bissawquindiba@gmail.com[3]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Docente, fvasconcelos@unilab.edu.br[4]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O trabalho teve como objetivo geral conduzir uma análise na produção, na área das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política), sobre o tema da "delinquência juvenil" em Cabo Verde.

Entre os objetivos específicos, foi almejado:

• Mapear a produção acadêmica sobre os temas em seminários, congressos, editais de pesquisa, periódicos e livros;

• Analisar as hipóteses interpretativas que são construídas para explicar a "delinquência juvenil" como problema público (Cobb & Elder, 1971; Gusfield, 1981; Cefai, 2017). Quais as explicações sobre seu surgimento, sua intensidade e suas formas de manifestação? Quais as análises sobre as políticas públicas para lidar com este fenômeno?

• Quais as universidades e organizações de produção e disseminação de conhecimento a que estão ligados os pesquisadores e os formuladores de interpretações sobre "delinquência juvenil"?

Quanto à perspectiva histórica observa-se que o projeto de identidade nacional da mestiçagem étnica e hibridez cultural deixou em segundo plano uma cultura de violência historicamente legitimada. Na cidade da Praia, há distância espacial e social, que incidira sobretudo nas camadas mais pobres e entre os mais jovens.

Apesar da estabilidade política e crescimento econômico a partir dos anos 1990, Cabo Verde se torna mais desigual. Cresce uma cultura de consumo inspirado em estilos de vida exuberantes. Não havendo meios legítimos para o alcance das metas de sucesso, status e bem-estar, uma parte da população opta por meios ilícitos. Os territórios estigmatizados, vistos pela maioria dos centros urbanos como lugar de desestruturação familiar e social, aumenta os custos sociais dos meios legítimos de ascensão social entre uma parte da população estigmatizada, favorecendo a inserção em comportamentos e identidades vistos como desviantes dos padrões culturais dominantes.

A camada juvenil seria particularmente sensível a essas pressões, sobretudo em meio às transições políticas e econômicas entre o período socialista pós-independência, de 1975 a 1991, e o período de eleições multipartidárias, 1992 em diante, que coincidiu com maior liberalização na economia globalizada, o que gerou processos de "descoletivação" ou desfiliação: houve autonomização da juventude em relação às organizações juvenis de massa. Por falta de planificação adequada, criou-se uma espécie de vazio institucional, não preenchido pela família, escola ou vínculos comunitários, favorecendo novas formas de sociabilidade juvenil, com referência especial ao prestígio social dos emigrantes deportados em contato com a cultura gangsta rap, nos anos 1990.

A interação entre jovens locais e emigrantes retornados gerou vínculos que resultaram na identidade thug, advindo do termo thug life – "vida bandida" –, adaptação do ideário rapper Tupac Shakur, de contenção de violência entre gangues nos Estados Unidos, que dizia The hate U give little infants fucks everybody – "o ódio que você passa para criancinhas fode com todo o mundo", que incorporados na prática dos grupos juvenis cabo verdianos serviu de identificação de práticas de confronto territorial e de crimes e violências armadas.

O crescimento econômico e urbano de Cabo Verde durante a década de 1990, junto ao descontentamento com as políticas educacionais implantadas para a juventude, resultaram em protestos. Não haviam conflitos entre os grupos de jovens deportados, mas com o tempo, grupos rivais narcotraficantes teriam iniciado aproximação no sentido de associar jovens deportados a conflitos, seja como segurança ou matadores em vinganças, conduzindo a divisões e ajustes de contas que levaram estes jovens a buscar refúgio, proteção e aliados nos bairros onde residiam, iniciando recrutamento de mais jovens, descontentes com as condições sociais e projeções de futuro, ansiosos por uma identificação coletiva, na forma de revolta contra a sociedade.

Os anos 2000 marcaram o deslocamento e expansão desse estilo de vida para um conjunto maior das

ISSN: 2447-6161

periferias da Praia, seja pela imitação de um estilo de vida admirado, seja pela necessidade de defesa contra outros grupos do próprio bairro ou de outros. É então por volta de 2004 que a denominação thug entra no vocabulário praiense, sobretudo com a ênfase midiática e política diante dos eventos de violência.

METODOLOGIA

A pesquisa foi implementada como revisão de literatura, de caráter bibliográfico. As etapas da Metodologia da pesquisa bibliográfica desenvolvidas pelos estudantes foram:

1. apropriação do tema, levando em conta o interesse dos estudantes e seus conhecimentos prévios na área a ser pesquisada;
2. realização da pesquisa bibliográfica preliminar, proporcionando aos alunos primeiro contato com o tema a ser estudado;
3. formulação do problema, feito sob forma de pergunta;
4. busca das fontes, proporcionando respostas ao problema levantado;
5. participação em grupos de estudo voltados para a reflexão e elaboração dos conteúdos;
6. realização de fichamentos e resumos.

A pesquisa foi realizada através de leituras analíticas e interpretativas voltadas para destacar noções e categorias fundamentais dos estudos, as diferentes narrativas sobre gênese e desenvolvimento dos processos analisados, e indicações para enfrentamento das questões políticas práticas.

As atividades executadas foram:

1. levantamento bibliográfico de artigos, capítulos de livro, textos em blogs, notícias de imprensa, pesquisas governamentais e entidades internacionais;
2. organização do levantamento bibliográfico em tabela excel, delimitando critérios sociológicos, metodológicos e temáticos de classificação;
3. elaboração de modelo para ficha de resumo;
4. reuniões regulares (duas ou três vezes por mês) de leitura, fichamento e discussão de textos;
5. preenchimento do relatório parcial;
6. planejamento e realização de minicurso no 1° semestre de 2023;
7. seleção e treinamento de nova bolsista em substituição ao anterior, que foi aprovado em edital para outro tipo de bolsa;
8. apresentação dos resultados preliminares da pesquisa na forma de mesa redonda on-line no dia 21 de agosto de 2023;
9. elaboração do relatório final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo as discussões levantadas pelos autores analisados, temos os seguintes resultados:

1. Escola e família na “crise” atual da juventude cabo-verdiana

Nardi Sousa comenta que Redy Lima vê a escola cabo-verdiana como instrumento de representação das classes dominantes, e discorda que a escola seja um dos principais agentes de mobilidade social, e que o seu abandono não se deve à fuga por violência simbólica e física, mas a vários fatores como pobreza, vulnerabilidades, desemprego, trabalho infantil, desresponsabilização familiar/paterna, etc. Porém não há dados que comprovem relação entre insucesso escolar e posterior participação em grupos thug, ou como as políticas educacionais são insuficientes aos jovens ou se outros fatores estão relacionados a efetividade na

ISSN: 2447-6161

escola.

Lima ressalta falta de supervisão familiar sobre crianças e adolescentes. Apesar do aumento da democratização do ensino nos anos 90, o frágil sistema econômico, educativo e de proteção social não são capazes de responder às aspirações juvenis de emprego estável, habitação própria e estabelecimento de uma família.

2. Processos de violência coletiva juvenil

As autoras Sílvia Roque e Katia Cardoso afirmam que há conflito entre a juventude e as dinâmicas das sociedades tradicionais. As tradições e as religiões podem ter violências coletivas que apesar de tentar conter, podem ocasionar conflitos. A naturalização da violência doméstica também impulsiona a construção de jovens violentos. Se encotra presente o estigma de perigo, que colocam jovens à margem.

Os coletivos juvenis da cidade de Praia têm maior expressão nos grupos thugs, que controlam o território e se confrontam com grupos rivais. Na dinâmica interna há forte companheirismo, não se limitando apenas em localidades marginalizadas. Há divisão entre comando (portadores de arma de fogo) e subordinados e excesso de violência. Não são jovens apenas de origem pobre de bairros periféricos, existindo “Thugs das elites”, os principais utilizando arma de fogo. O desenvolvimento da criminalidade tem as seguintes razões: na criminalidade há grande parcela de jovens de razoável e alta escolaridade devido a frustrações; o desenvolvimento de Cabo Verde reflete na escalada da desigualdade social, e o acesso ao desenvolvimento limitado a poucos; a urbanização e transformação social no país intensificaram as práticas de violência; a autonomia precoce pode atuar juntamente e resultante das desigualdades sociais, ocasionando frustrações e envolvimentos com coletivos criminais juvenis.

3. Os Thugs

Lorenzo Bordonaro analisa a visão midiática e opinião pública sobre os thugs no bairro do Brasil. Estigmas do grupo e discurso generalista e raso mascaram problemas sociais profundos de crise econômica, falta de emprego e mobilidade social, visão hegemônica de masculinidade com necessidade de violência. Apesar de problemáticos, os thugs parecem culpados por todos os problemas sociais de Cabo Verde. Com a narrativa midiática, com destaque nas figuras dos thugs, veio pânico e insegurança gerando atenção pública e governamental para medidas repressivas e punitivas, favorecendo criminalização e estigmatização da juventude e da cultura hip-hop, o que aumentou a população carcerária e securitização urbana.

Os moradores por um lado condenam os thugs mas defendem familiares que compõem esses grupos, sendo uma rede de apoio. Diz que os thugs do bairro expressam problemas ligados à cultura e desenvolvimento do país, não sendo subcultura da violência pois correspondem à ideologia da masculinidade hegemônica, que possui noções de respeito, valentia e necessidade de confronto incorporados desde a infância.

4. Neoliberalismo, crescimento econômico e desigualdade social

Bordonaro conduz a história do bairro Brasil, que antes da independência do país era economicamente vinculado à pesca industrial em uma empresa que no pós-independência foi fechada, gerando decréscimo nas oportunidades de trabalho. A partir da economia liberal as oportunidades se esvaíram muito mais. Apesar do bom desenvolvimento econômico do país, aumentou a desigualdade e exclusão social. A maioria dos jovens do sexo masculino não possuem oportunidade de continuar seus estudos e trabalhar, sofrem pela falta de mobilidade social e desespero quanto ao futuro. Com a diminuição no número de emigração com políticas externas mais rígidas, os jovens de Cabo Verde se vêem impedidos de sair em busca de melhorias de condições econômicas, tendo dificuldades de obter salário, se casar e serem autônomos.

5. Mulheres Thugs

Redy Lima afirma que não existem dados empíricos sobre mulheres em grupos thugs. O papel das mulheres nesses grupos era de serem usadas como iscas em assaltos. Porém, existem sim grupos thugs femininos que

ISSN: 2447-6161

tem o hooliganismo e o “kasu bodi” – do inglês “cash or body”, é um termo crioulizado para designar assaltos – como sua principal atividade. Por falta de financiamento, como os homens, se utilizam de armas brancas.

6. Korrenti Di Ativiztas

Silvia Stefani conta que as instituições públicas de Cabo Verde são utilizadas para fins particulares, sendo um dos principais meios de ascensão social e obtenção de trabalho. A população percebe corrupção e há baixa participação política. O caráter excludente na cidade da Praia afeta principalmente os jovens dos subúrbios. Então começa um modelo de “tolerância zero” por parte do governo que falha no combate as gangues, pois os jovens continuam sem perspectiva de carreira e são desvalorizados pela sociedade.

Em 2012 diminui a de violência urbana e aumenta o número de ativistas sociais, incluindo o Korrenti Di Ativiztas, no bairro da Achada Grande Frente, por meio do projeto “Simenti”. É um modo alternativo às gangues para socialização e afirmação para os jovens que buscam empoderamento em contexto desfavorável, que tomam o papel de ativistas. Realizam diversas atividades como “Parlamento do Gueto”, onde colocam caixas de som com rap e oferecem microfone para as vozes da comunidade local. Fazem limpezas em ocupações, em busca de criar imagem positiva do lugar e promovendo desenvolvimento social os tirando da posição de simples eleitores. As ocupações são espaços utilizados para manter dinâmicas de movimentos sociais e fornecem abrigo a fugitivos de conflitos de gangues. Por outro lado, há forma vertical na tomada de decisões e opressões de gênero, sendo as mulheres silenciadas.

7. A opinião da polícia

Jassica Tavares pesquisa a opinião de policiais quanto ao fenômeno thug. Segundo seus dados, 91,5% dos policiais acreditam que o surgimento destes grupos começou por uso de substâncias psicotrópicas e 52,1% acreditam que seja falta de emprego/ocupação. 81,7% acreditam que a violência ocorrida é “gratuita, não utilitarista e negativa”, 69% acham que a finalidade da violência é por rendimento e 40,8% acham que é uma forma de expressão da masculinidade, sendo que a maioria crê nas últimas duas opções. 79,7% considera seu trabalho positivo, porém 42% apontam falta de meios materiais e humanos para combater a violência. 85,1% discordam que a causa do aumento das taxas de violência tenha sido falta de policiamento e culpam as dinâmicas familiares, sociais e comunitárias, taxas de reincidência e falta de apoio familiar e social para afastamento da atividade criminal.

A pesquisadora conclui seu texto dizendo que apesar da opinião da polícia sobre a necessidade de intervenção social, comunitária e familiar, os discursos legitimam uso da força na resolução de problemas, o que pode confirmar a tese de abuso policial e de poder. Apesar de se dizerem de caráter preventivo, quando falam sobre suas práticas expõem condutas repressivas. Entre eles há falta de crença dos policiais sobre os políticos que se preocupam mais com interesses pessoais que no bem-estar da população.

CONCLUSÕES

É importante destacar que os contextos abordados foram colocados a fim de perceber como os fenômenos da delinquência juvenil são contidos ou intensificados. Dos diversos fatores que foram colocados como possibilidade de condicionamento das práticas, são destacados dois principais: as formações de identidades violentas juntamente com o controle social e as desigualdades sociais.

As pesquisas a respeito dos thugs na cidade de Praia abrem perspectivas para comparações com o fenômeno do comportamento dissidente juvenil e práticas de violência coletiva em outros contextos, como o brasileiro.

ISSN: 2447-6161

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa intitulada A delinquência juvenil em Cabo Verde: análise da produção acadêmica e da construção do problema público, executada entre 01/09/2022 e 31/08/2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Carla; CARDOSO, Katia; SANTOS, Rita; ROQUE, Silvia; MOURA, Tatiana. Youth and urban violence in San Salvador, Rio de Janeiro and Praia: Public policies, community-based responses and recommendations. Iniciative For Peacebuilding, 2012.

BORDONARO, Lorenzo I. Masculinidade, Violência e Espaço Público: Notas Etnográficas Sobre o Bairro Brasil da Praia (Cabo Verde). Revista TOMO, n°21, p. 101-136, 2012.

BORDONARO, Lorenzo I. Tolerância zero crioula: Cabo Verde e a "guerra contra o crime", em José Manuel Pureza, Sílvia Roque e Katia Cardoso, jovens e trajetórias de violências: Os casos de Bissau e da Praia. Coimbra: Almedina, p. 83-106, 2012.

BORDONARO, Lorenzo I. Semântica da violência juvenil e repressão policial em Cabo Verde. Texto enquadrado no âmbito de bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/27069/2006, Portugal, 2006.

CARDOSO, Katia; SANTOS, Rita; ROQUE, Sílvia; MOURA, Tatiana. Youth, Collective Urban Violence and Security: Key Findings. Iniciative For Peacebuilding, 2011.

LIMA, Redy Wilson. A imprensa e a cobertura dos conflitos entre gangues de rua em Cabo Verde, em Lucas Bussoti, Miguel de Barros e Tito Grätz, Media Freedom and Right to Information in Africa. Centro de Estudos Internacionais, Lisboa, p. 99-124, 2015.

LIMA, Redy Wilson. Thugs no feminino: um breve olhar sobre o fenômeno. Disponível em: https://www.buala.org/pt/cidade/thugs-no-feminino-um-breve-olhar-sobre-o-fenomeno#:~:text=Havia%20sim%%2C%20jovens%20do%sexo.festas%20e%20demais%20actividades%20I%C3%Badicas. Acesso, 26.08.2023.

ROQUE, Sílvia; CARDOSO, Katia. Entre a marginalização e a securitização: jovens e violências em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. Revista Cabo Verdiana de Ciências Sociais, ano 1, n°1, US Edições, p. 61-84, 2013, ISSN 2309-9712.

ROQUE, Sílvia. Por que razões os jovens se mobilizam... ou não? Jovens e violência em Bissau e na Praia. 12Th General Assembly: Governing the African Public Sphere. Yaoundé: CODESRIA, 2008.

SOUSA, Nardi. A outra face do janus cabo-verdiano: uma análise crítica da violência juvenil em Cabo Verde. Revista Cabo-verdiana de Ciências Sociais, ano 1, n°1, p. 27-59, 2013.

STEFANI, Silvia. Resistência Urbana e Ativismo Social na Praia: O caso da "Korrenti di Ativiztas". Movimentos Sociais, Estado e Sociedade Civil em África. Caderno de Estudos Africanos, nº31, p. 69-94, 2016.

STEFANI, Silvia. Thug Life e Ativismo Social construções de masculinidades de protesto nos bairros populares da Cidade da Praia (Cabo Verde). Novos Debates, vol. 2, n°1, 2015.

TAVARES, Jassica B. M. O fenõmeno thug e a prevenção da violência na cidade da Praia na perspectiva da polícia cabo-verdiana. Configurações, Open Edition Journals, vol. 21, p. 96-112, 2018.

ISSN: 2447-6161